

38º Encontro Anual da Anpocs

SPG10 - Mobilidades, trânsitos e fluxos no contexto contemporâneo

Haitianos no Brasil: reconfigurações do parentesco a partir das
crianças em meio a *dyaspora*

Rafaela Gava Etechebere- PPGAS-Unicamp/LEM-UFSCar

Introdução

A partir do trabalho etnográfico realizado no período da graduação, percebi que a imigração haitiana era muito mais que um movimento de vinda para o Brasil, surgido em 2010. A antropóloga Karen Richman verifica, a partir da afirmação “*Viv an Ayiti chache lavi Deyò*” (“Para viver no Haiti, você deve buscar a vida Fora”), feita por Ti Krab, um nativo de Ti Rivyè, que a necessidade de ter alguém fora do Haiti é um modo de vida entre os haitianos, sendo condição básica para se ter uma qualidade de vida dentro do próprio país.

A *diaspora*, um termo êmico e polissêmico que nessa apresentação terá o sentido de “movimento migratório haitiano”, chega ao Brasil em meados de 2011. Junto aos corpos negros, cansados da longa viagem¹, trouxe o trauma de um terremoto² e a esperança de novas oportunidades de emprego com a Copa³. Esses fatores fizeram com que os governos que geriam as fronteiras, em um primeiro momento, devido ao fato de o “Brasil não estar acostumado”⁴, as fechasse para evitar uma “invasão”, como foi anunciado nos jornais⁵.

Entretanto, o movimento migratório haitiano não desencadeou o fechamento, permanente, de nossas fronteiras. Ao contrário. Motivado pela mobilização do país nos últimos quatro anos, em torno da realização da Copa no “país do futebol”, e, ao trazer pessoas afetadas de algum modo por um enorme desastre natural, esse movimento

¹ Os trajetos para chegar ao Brasil são muitos. Isso se deve, em parte, ao fato de que vários desses haitianos já estavam fora de seu país antes de escolherem o Brasil como destino. O trajeto mais divulgado tem sido dos imigrantes que não obtêm o visto no Haiti. Esses, até o momento em que cruzaram a fronteira do Brasil, viajam dias a partir da República Dominicana. De lá, embarcam para o Panamá e para o Equador, países que não exigem visto de entrada para pessoas vindas da República Dominicana. De Quito (Equador), cruzam o Peru até a cidade de Puerto Maldonado, onde atravessam de carro a fronteira do Brasil e chegam à cidade de Assis Brasil (AC). Desse ponto, o destino é a cidade de Brasília, onde empresários de todo o Brasil contratavam a maior parte dos haitianos que residem, hoje, em todo o país.

² Ao introduzir o assunto do movimento migratório de haitianos para o Brasil, o terremoto de nível sete na escala Richter, que devastou a capital, Porto Príncipe, em janeiro de 2010, é sempre lembrado.

³ Através do meu trabalho de campo, desenvolvido durante a graduação, entre haitianos que residiam em Limeira, São Carlos e Campinas, foi possível perceber a grande estima que eles possuem pelo futebol no Brasil. Discuto com mais profundidade esse assunto no segundo capítulo da minha monografia “Haitianos no Brasil: etnografia dos sistemas de sociabilidade e parentesco no interior paulista”.

⁴ Na reportagem “Senador Eduardo Braga (PMDB) avalia onda migratória no país”, do jornal “A Crítica”, o senador afirma que “não temos a tradição nem a “expertise” de receber imigrantes”. Entretanto, deve-se ressaltar a histórica – e irônica- contradição à essa fala: o Brasil recebe imigrantes desde 1500. Falas semelhantes à do senador, recorrentes na retórica política, demonstram uma estrutura brasileira frágil para lidar com imigrantes de perfil como o dos haitianos, nos dias de hoje. Ponto este que também discuto melhor em minha monografia.

⁵ *Acre sofre com invasão de imigrantes do Haiti*. O Globo (01/01/2012).

migratório colocou o tema da imigração de volta na agenda nacional de discussões⁶, trazendo grandes debates, em várias instancias, de Norte a Sul do país⁷.

Tendo em vista esse contexto, o que se pretende aqui, é contribuir com toda essa discussão a partir da antropologia das imigrações. O presente artigo é um desdobramento de um dos capítulos de minha monografia, no qual debato o papel do parentesco no contexto migratório haitiano do interior do estado de São Paulo. Em tal capítulo, através dos dados recolhidos no campo, feito nas cidades de São Carlos e Limeira, procuro apresentar a minha percepção de como o fluxo migratório interfere no interior da família e possibilita novas formas de interações no país em que o imigrante reside.

A proposta desse artigo é a de realizar um movimento semelhante ao proposto pelo Professor Igor Machado em seu artigo “Reordenações da casa no contexto migratório” (2010), e que Kebbe também realiza no artigo “Reordenações na família decasségui- dilemas e desafios” (2011). A saber, pensar os fluxos entre Brasil e Haiti através de um escopo de análise diferente, o parentesco.

Estando em campo, pude notar que o nascimento dos filhos de imigrantes haitianos no Brasil implicava uma reconfiguração não só de seus planos como na própria configuração da família e do parentesco, além de formar um vínculo diferente do qual o imigrante possuía anteriormente com o país em que se está. Através de imersão e observação, para iniciar minhas reflexões a partir da categoria *relatedness* entre os imigrantes haitianos que moram no Brasil, escolhi três situações com as quais me deparei. A primeira delas, registrada nos diários de campo de minha pesquisa realizada entre os haitianos trabalhadores da construção civil e residentes na cidade de Limeira (SP), é referente ao período de 2012-2013. As outras duas situações são fruto do meu trabalho de campo atual, uma delas entre estudantes haitianos na cidade de São Carlos (SP), com quem tenho contato desde a Iniciação Científica, e a outra vem de meu

⁶ As discussões referentes à temática da imigração internacional também estiveram em pauta na agenda nacional de debates no contexto de movimentos migratórios históricos, nos séculos XIX e XX, no Brasil. Tanto os debates como os movimentos de imigração foram, em certa medida, organizados e patrocinados pelos governos nacionais.

⁷ Dou como exemplo a COMIGRAR (1ª Conferência Nacional sobre Migrações e Refúgio), que é “uma iniciativa governamental inovadora na abordagem da questão migratória no Brasil, com mobilização nacional e internacional dos diversos atores interessados no tema e na discussão dos conceitos centrais da política migratória.” (COMIGRAR, 2014)

campo mais recente, entre haitianos que residem e trabalham na cidade de Santa Barbara d'Oeste (SP).

Para o desenvolvimento da reflexão, o texto segue um percurso no qual, em um primeiro momento, será analisado o parentesco haitiano tendo como fundamentação teórica a dissertação de mestrado de Bulamah (2013). Em seguida, apresento as considerações de Machado (2010) como auxílio para estabelecer a relação entre parentesco e migração. Pensando ainda a dinâmica entre parentesco e migração, parto da categoria *diaspora* para pautar meu olhar sobre as crianças. Por fim, o desfecho do artigo é uma reflexão indicativa da potencialidade de análise que essas crianças colocam.

Mesmo sendo um tema que tenho trabalhado desde a graduação, o parentesco no contexto imigratório de haitianos no Brasil se mostrou muito rentável para ser esgotado em um capítulo de monografia. Esse artigo é, assim, uma primeira tentativa de me aprofundar no assunto nessa fase inicial de minha pesquisa de mestrado.

Parentesco no Haiti

Para analisar as reconfigurações do parentesco haitiano em contextos imigratórios, a proposta é buscar pensá-lo através das situações narradas e vividas pelos interlocutores, a imagem do que faz Bulamah (2013), para além de Samson-Norte do Haiti, em sua dissertação, “O cultivo dos comuns: parentesco e práticas sociais em Milot, Haiti”. Partirei da premissa colocada por ele de que “ao parentesco não cabem somente relações entre pessoas conectadas umas às outras, mas também dinâmicas econômicas e particularidades metafísicas próprias à magia e à religião” (2013:24).

Lakou

Bulamah pensa o sistema de parentesco em Samson através da ênfase no grupo doméstico, o *lakou*. O *lakou*, como ele coloca, é caracterizado por um conjunto de relações de parentesco transmitidas e praticadas, e também por relações econômicas de produção, distribuição e troca. Sendo assim, o *lakou* pode ser entendido “como unidade de reprodução familiar ao mesmo tempo em que se estabelece enquanto uma unidade de produção” (2013:29). Essa concepção se apresenta de forma clara em Samson para Bulamah, quando ele nota que um *lakou* é composto por unidades de residência e por

terrenos de produção, em torno dos quais co-residência, comensalidade e cooperação se complementam a formas de produção, distribuição, reciprocidade e comércio.

A partir da ideia de “mutualidade do ser”, de Marshall Sahlins (2011), Bulamah analisa que o parentesco em Samson, caracterizado pela centralidade nos *lakou*, é construído a partir de relações de comensalidade, troca de substâncias, heranças de responsabilidades morais e econômicas para com os vizinhos, mortos e espíritos.

Substância

Sendo assim, podemos afirmar que, em Samson, o *lakou* é o espaço da reprodução familiar. É onde há o cuidado com os mais jovens e a transmissão da moral, sendo justamente o lugar onde as crianças circulam entre as casas dos familiares, recebem comida, aprendem as formas de sociabilidade locais, além de aprenderem as hierarquias de autoridade e a necessidade de respeito. Essa responsabilidade em educar a criança é dividida entre comadres, compadres e outros parentes. Ao alimentarem as crianças e trazê-las para suas casas, esses adultos participam do seu desenvolvimento, formando-as como pessoas e parentes por meio da troca de substâncias e do estabelecimento de laços familiares.

❖ *San (sangue)*

Inicialmente, a criança é formada pela transferência de substância dos pais. No contexto haitiano, a primeira substância dessa formação é o san (sangue), e é “o sangue mais forte que leva a criança a se parecer mais com um dos pais” (2013:40). É o sangue que determina uma das definições de *fanmi* (família), que se estabelece com o compartilhamento do sangue pelos membros da família, como na expressão enunciada com frequência em Samson: “*nou se menm san*” (“somos do mesmo sangue”).

❖ Comensalidade

Outras substâncias também garantem o parentesco em Samson, assim como em outros lugares do Haiti. A comensalidade entre os *lakou* é responsável por classificar grupos entre aqueles com quem “se come junto” (“*manje ansanm*”) e aqueles com quem “não se come junto” (“*pa manje ansanm*”). Isso representaria, segundo Bulamah, uma divisão entre aqueles com quem se tem amizade e se realiza troca e aqueles que se tem inimizade e evitação.

Assim, “comer junto” e manter a continuidade nas trocas definem uma pessoa como *fanmi*, “fortalecem-se laços de mutualidade e participa-se da sociabilidade dentro do *lakou* e entre os grupos”. Esses princípios morais são exemplares de um senso de comunidade que seria produzido, dessa forma, por meio de uma dinâmica que se estabelece através de ações sociais e trocas regulares (2013:43).

Compadrio

Bulamah encontra em seu campo o papel importante do parentesco ritual ou compadrio entre os camponeses de Milot. Pois, é através da nomeação de uma criança, que laços de parentesco são estabelecidos entre compadres, padrinhos e afilhado/a, cuja manutenção implica em ajuda mútua e troca, tanto entre compadres (*konpè/konmè*), como de padrinhos para com os afilhados (*marenn/parenn-fiyèl*) e vice-versa.

A escolha dos padrinhos é feita, muitas vezes, pela preferência com relação a parentes ou amigos considerados “pessoas de honra”, “que cumprem com seus compromissos” ou “que possuem um acesso maior a recursos”. Nesse esquema, é comum que se escolha pessoas que residem na cidade (*moun lavil*) ou mesmo de fora do país (*lòt bò dlo*, literalmente “do outro lado da água/mar”). Dessa forma, o compadrio funciona como um construtor de relações de parentesco para além do grupo doméstico ou da comunidade local, e segundo o autor, proporciona novas possibilidades de troca, novas redes de solidariedade e ajuda e novos fluxos de bens.

Conjugalidade

Em Samson, Bulamah apresenta duas formas de uniões conjugais, que são o *plasaj* e o *maryaj*. O primeiro, é a união marcada pela co-residência, sem nenhuma cerimônia. No local estudado por Bulamah ela é predominante, mas é vista como menos estável, além de ser evitada por frequentadores de igrejas protestantes e pentecostais. A diferença entre o *plasaj* e o *maryaj*, é que o segundo é a união conjugal que tem a mediação da igreja, através de uma cerimônia religiosa e/ou do Estado, através do registro civil.

Porém, mesmo que haja o ritual de matrimônio, a efetivação e o reconhecimento social da conjugalidade, nas suas duas formas, acontecem somente quando o casal tem o primeiro filho. “Casar-se ou estar *plase* sem ter descendentes é considerada uma relação incompleta. “*Si ou pa gen pitit, ou pa gen madanm*” (“Se você não possui filhos/as,

você não possui esposa”), é o que se costuma ouvir entre os camponeses de Samson” (2013:54). Essa idéia é o que torna possível para uma situação de *plasaj* obter o mesmo status de *maryaj*, pois quando se tem filhos, estes têm direito à herança, tornando a união o equivalente ao casamento.

Parentesco e imigração

Tanto nos trabalhos de Richman (2005), em seu livro sobre imigração e vodu, quanto nos de Bulamah (2013), a migração aparece não só como a possibilidade de ascensão social, mas também como uma estratégia familiar, já que, segundo Bulamah,

“a migração permite o estabelecimento de novas formas de solidariedade e de novos fluxos de bens e capital, garantindo novos recursos ao *lakou*. Ao mesmo tempo em que a família se estende pelo espaço, o *lakou* consegue se manter no tempo” (2013:51)

Todos que vão para fora, pensando agora com Richman, se sentem na obrigação de “pagar seus débitos” com aqueles que os “alimentaram” na infância. Sendo assim, todo adulto imigrante, de Ti Rivyè, é obrigado a "give a livelihood to one's family back home" (2005:41).

Para Richman, está claro que a migração está muito presente no parentesco de Ti Rivyè. Ela traz relatos sobre redes de solidariedade, por exemplo, em relação à administração dos bens que são enviados pelos haitianos emigrantes e posteriormente investidos por aqueles que ficaram no Haiti. Estes, mesmo estando aptos a migrar, administram os negócios e a família por aqueles que estão fora. Nessa dinâmica, como Bulamah também nota em seu trabalho, muitas mulheres ficam a frente dos *lakou*, dos negócios da família e da manutenção da casa. Casa esta, que, segundo Richman, sendo nova ou muito bem cuidada, se estabelece como notável símbolo do sucesso da imigração e da lealdade com sua terra natal. Os imigrantes também são responsáveis por qualquer crise da família. Por exemplo, financiando rituais de “alimentar *lwás*”, intervenções médicas, hospitalizações, funerais (2005: 76).

Como dito anteriormente, quem está fora é encarregado pela educação (contas, uniforme, material) dos filhos que eles deixam para trás, e de outros consanguíneos, como irmãos, sobrinhos ou afilhados. No campo de Richman, muitos vêem a educação

como o meio para preparar (ou produzir) uma futura geração de imigrantes, que, por sua vez, ajudará aqueles que pagaram seus estudos.

Essas novas formas de solidariedade e esses fluxos como um modo de se manter o *lakou*, indicados por Bulamah e Richman, tomam um rumo interessante aliados à leitura de Machado (2010) em suas reflexões sobre migrações transnacionais, em que se “força uma reordenação das noções nativas de parentesco/*relatedness*” (2010:2) no contexto de Governador Valadares.

Machado parte da necessidade que os estudos transnacionais trouxeram de pensar a família como um dos elementos estruturantes da transnacionalidade, pois são as famílias que organizam, planejam e executam o fluxo entre dois ou mais lugares. Mas como entender famílias transnacionais, que são definidas “como famílias cujos membros vivem em parte ou na maior parte do tempo separados uns dos outros, porém mantidos juntos por criarem algum tipo de sentimento de bem-estar coletivo e unidade, mesmo quando atravessam fronteiras nacionais” (Bryceson e Vuorela, 2002: 3), se o que se entende por família, no “Ocidente”, implica na convivência cotidiana?

Junto a Yoh, Huang e Lam (2005), Bryceson e Vuorela (2002) e Baldassar (2007) Machado nos mostra que novas tecnologias de comunicação e transportes permitem à família transnacional estar interligada graças à Internet, aos e-mails, telefonemas, faxes, visitas periódicas aos parentes em reuniões familiares, permitindo aos membros da família “estarem juntos”.

Remessas

Entretanto, como Machado observa em Valadares, o *se comunicar* faz parte de um fluxo mais amplo e significativo entre os migrantes. A saber, o envio de remessas (Canales, 2005). Os haitianos, como muitos outros imigrantes ao saírem de seu país natal, também acabam por reorganizar as suas vidas e famílias em busca de melhores condições econômico-financeiras, sociais e políticas. Para tanto, deixam para trás vários membros da família, com os quais mantêm o vínculo através do envio de remessas. Essas remessas vão além do envio de dinheiro.

Em Ti Rivyè, Karen Richman (2005) também verifica a importância das remessas para a manutenção da família. Bens como comida (principalmente produtos

exportados), roupas, dinheiro para o aluguel, dinheiro para a construção ou melhoria da casa, medicamentos ou outros bens de necessidades do cotidiano são exemplos daquilo que constitui as remessas e que apresentam alguns aspectos simbólicos da produtividade do trabalho. Dessa forma, nota-se que o vínculo mantido entre os familiares se estabelece através da circulação, não apenas de bens de ordem econômica, mas também bens de ordem simbólica. Assim, o ponto de ruptura da família transnacional, como Machado observa, está no momento que essas remessas deixam de ser enviadas.

Machado (2010) observa o mesmo movimento em Governador Valadares ao constatar

“que cuidar dos filhos não é algo que deva ser pago, ou seja, cuidar dessas crianças deve ser integrado em processos relacionais (de *relatedness*). O dinheiro é enviado não para pagar a quem cuida, mas para sustentar os filhos e manter a relação. O dinheiro entra como fluxo de substância “à distância”, produzindo o bem-estar material dos filhos (alimentação, roupas, escola, brinquedos, etc.) e amarrando as relações na ausência física dos pais, que se fazem sempre presentes através das “remessas”. Tal fato leva-nos a considerar explicitamente que estas “remessas” não são feitas equivaler, simplesmente, a dinheiro. Elas são efetivamente uma substância de *relatedness*, um elo constituído tanto pelo dinheiro como pelo processo migratório e o projeto familiar” (Machado, 2010:15)

Relatedness

Localizo a discussão sobre a ideia de *lakou transnacional*⁸ a partir das discussões sobre *relatedness*. Sendo assim, parto da noção de que a “produção das relações e as noções de pertencimento são complexas, dinâmicas e distintas”. Fazendo o mesmo movimento que Machado (2010) pretendo lançar “um olhar sobre a produção do parentesco como uma “prática nativa”, buscando o ponto de vista dos sujeitos na própria montagem que fazem de suas relações e não a partir de modelos preestabelecidos”.

⁸ Entendo por *Lakou transnacional* a dinâmica do *lakou* pensada a partir da situação migratória. Esse termo é uma ferramenta analítica que pretendo aprimorar no decorrer do mestrado.

Em seu livro “After Kinship”, Janet Carsten (2004) demonstra o impacto da crítica aos estudos de parentesco de Schneider com a noção de *relatedness*, desenvolvida para dar conta de universos de prática e significação similares aos que na linguagem ocidental denominamos “parentesco”. Essa noção, inspirada nos trabalhos de M. Strathern, pretende compreender a produção de relações entre pessoas. Tal noção se torna muito interessante ao pensar as migrações transnacionais, por essas forçarem uma reordenação das noções iniciais de parentesco / *relatedness*, incluindo perspectivas mais amplas. Ao pensar que os imigrantes haitianos remodelam suas formas de relação, e que sentimentos intensos são parte de novos projetos familiares em um novo país, pretendo olhar para o nascimento de crianças em meio a *diaspora* como meio de pensar novos padrões de *relatedness* construídos nesse contexto.

Situações

Essas reflexões sobre parentesco/*relatedness* e imigração não eram, a princípio, o ponto de reflexão da minha pesquisa. No entanto, estando em campo, pude notar que o nascimento dos filhos de imigrantes haitianos no Brasil implicava uma reconfiguração não só dos planos desses haitianos, mas tinha implicações também na própria configuração da família e do parentesco. Além de formarem um vínculo diferente daquele a princípio estabelecido entre o imigrante e seu país de residência.

❖ Milie

A primeira situação que apresento é a do nascimento de Milie, descrita em meus diários de campo de 2012-2013. Tomei conhecimento dessa história através do antigo patrão dos pais de Milie, pois nessa época já havia perdido o contato com os haitianos que residiam em Limeira.

Milie é filha de um dos trabalhadores da construção civil de Limeira, e sua mãe foi empregada doméstica na casa do patrão, que me contava a história. O seu nascimento estabeleceu uma situação em que uma família é reconfigurada, ao mesmo tempo em que outra se configura. Isso porque o pai de Milie era casado e tinha filhos no Haiti, e, pouco antes de saber da gravidez, ele havia, finalmente, reunido condições de trazer sua família para o Brasil.

A notícia da chegada do bebê devastou seus planos. Machado (2009) nota que mesmo “como família, a movimentação supõe também um risco de desmembramento: o casamento pode acabar sob a ameaça de novas relações, traições e fim do envio de remessas”. Até onde o patrão, como os haitianos o chamavam, sabia e me contou, o

nascimento de Milie configurou uma situação em que ela e a mãe eram mantidas pelo pai, no Brasil, com os recursos que ele havia conseguido para reunificar a família que se separou em meio a *diaspora*.

Entretanto, a configuração de família transnacional que o pai de Milie mantinha com sua esposa residente no Haiti e com seus outros filhos permaneceu através do envio de **remessas**, mantendo assim, duas famílias.

❖ John

A segunda situação que apresento é a do nascimento de John. O menino é filho de dois alunos da UFSCar, seu pai, Jean é haitiano e sua mãe, Kris, é indígena, da etnia Terena. Conheci o Jean em 2012, mas me aproximei tanto do haitiano como de sua namorada no período do chá de bebê de John, situação que descrevo em minha monografia.

Com seu nascimento, a relação entre Jean e seus outros amigos haitianos se confirmou como uma relação de irmandade. Desde a primeira visita ao bebê, os colegas haitianos com quem Jean residiu durante mais de dois anos, foram nomeados por ele como “tios” de John. Mas pude observar, que tal nomeação não foi designada às outras pessoas que visitaram o bebê, nem mesmo aos colegas indígenas de Kris, indicando àquelas relações de parentesco apontadas no início do texto e mostrando a intensidade e especificidade das relações estabelecidas em meio ao momento da *diaspora*.

Outro ponto que confirma a singularidade da relação de “tios” dos haitianos, colegas de Jean, aparece com a nomeação de um casal de brasileiros, próximos ao haitiano, como “padrinhos” da criança. Isso porque, nomear o casal de brasileiros como “padrinhos” de John, ao invés de chama-los de “tios”, marca a relação deles com Jean em uma lógica diferente da que pauta sua relação com seus conterrâneos. A saber, é estabelecida uma relação de compadrio em paralelo à relação de irmandade citada anteriormente. Nesse momento, não só Jean confirmou sua amizade com os colegas brasileiros, mas criou novos laços com o país em que escolheu estar.

Além disso, se lembrarmos de Bulamah (2013), é através da nomeação de uma criança que laços de parentesco são estabelecidos entre compadres, padrinhos e afilhado/a, cuja manutenção implica em ajuda mútua e troca, tanto entre compadres (*konpè/konmè*), como de padrinhos para com os afilhados (*marenn/parenn-fiyèl*) e vice-versa.

❖ **Juliana**

A terceira situação vem do meu campo mais recente entre os haitianos da cidade de Santa Barbara d'Oeste. Se trata do nascimento de Juliana, que tem atualmente um ano de idade. Ela é filha de Ruth, uma costureira haitiana. Juliana foi a maior motivação de Ruth para deixar Gonaives, Haiti, e vir para o Brasil. Com sua decisão, Ruth deixou quatro filhos e a mãe em seu país natal em busca de um lugar com uma estrutura melhor, hospitais e creches, tudo o que Juliana tem acesso atualmente.

Ruth chegou aqui grávida, quase sem dinheiro. Ou seja, não conseguiu emprego de imediato e dependia da solidariedade de outros haitianos. Foi nesse momento que ela conheceu Lídia, uma voluntária brasileira que auxilia mais de sessenta haitianos na região de Santa Barbara, e que a tem ajudado desde esse período. Na data do nascimento de Juliana, Lídia não estava por perto, então pediu para o seu filho, que falava um tanto de francês, para ajudar Ruth no momento do parto. Graças a ele, tudo ocorreu bem durante o nascimento de Juliana.

Os problemas começaram quando a enfermeira levou Juliana para Ruth amamentar pela primeira vez. Ruth se recusou (o motivo para tanto, eu desconheço). E, com isso, começaram rumores no hospital de que Ruth, uma mulher negra, haitiana e desempregada, não queria sua filha porque não teria condições de cria-la no Brasil, mesmo que sua afirmação, em crioulo haitiano, fosse contrária, de que a condição de imigrante no Brasil só se devia pelo fato dela querer criar a menina aqui.

Ruth enfrentou (e ainda enfrenta) vários processos para manutenção da guarda da menina. Nesse momento, foi fundamental a presença de Lídia, que ajudou-a com o processo legal que teve de enfrentar (quando a haitiana foi chamada para depor no caso em que enfrenta, Lídia, que não poderia estar presente, pediu que Ruth colocasse um bilhete em seu sutiã, em que estava escrito que ela não falava português, para chamar a Lídia e a um outro colega haitiano- este que falava a língua-, para que no momento em que ela fosse chamada para depor, não dissesse nada que colocaria em risco a guarda da criança), e com a procura de emprego para Ruth e vagas em creche para Juliana. Foi nesse período turbulento, que Lídia deixou de ser “dona Lídia” e passou a ser “mãe Lídia”, aos olhos de Ruth.

Reflexões Finais

As experiências de campo mostraram que muitos são os exemplos em que a categoria *relatedness* pode ser mais rentável para a análise das relações entre os imigrantes haitianos do que categorias como parentesco, amizade, companheirismo ou qualquer outra expressão. Afinal, os vínculos que se formam durante esse período de instabilidade são muito intensos para tais formulações, pois implicam uma dependência real uns dos outros. O que meu campo parece sinalizar, através do nascimento dessas crianças, é que há algo nessas novas *relatedness* estabelecidas no contexto da *diaspora* que talvez extrapole os pressupostos intrínsecos a essas outras categorias.

Entre as três situações podemos verificar que no momento de *diaspora* é possível constatar que vários fatores são capazes de “reordenar” o parentesco. Busquei realizar uma reflexão sobre o nascimento de crianças em meio a esse contexto, como chave de análise potente para a compreensão da reconfiguração da família, pelo fato de, a partir delas, companheiros de viagens virarem irmãos e brasileiros entrarem na lógica do compadrio haitiano. A partir do nascimento dessas crianças, famílias se formam, mas também podem ser o fator definitivo para desmanchá-las.

É o nascimento delas que promove uma nova configuração e um novo engajamento dos haitianos com aquilo que vem sendo chamado de “sonho brasileiro”. Isso porque, quando pais, padrinhos, irmãos e avós dessas novas configurações de família se tornam responsáveis por *educar* e *alimentar* esses pequenos nascidos em meio a esse *momento* e *local* que chamam de *diaspora*, o compromisso com planos concretos de um futuro melhor e uma maior qualidade de vida prometida com a imigração, deve passar de um mero sonho à realidade.

Bibliografia Básica

LIMA, Alexandre. “Acre sofre com invasão de imigrantes do Haiti”. 01/01/2012. Em <<http://oglobo.globo.com/pais/acre-sofre-com-invasao-de-imigrantes-do-haiti-3549381>>. Em: 03/07/2013.

MACHADO, I. J. R. “Reordenações da Casa no contexto migratório de Governador Valadares, Brasil”. *Etnográfica*, 14(1), 2010.

MACHADO, I. J. R. O ponto de vista das famílias: etnografia sobre os emigrantes internacionais valadarenses. *Migrações*, nº 05, 2009.

DANICAT, Edwidge. “Adeus, Haiti”. Rio de Janeiro: Agir, 2010.

ETECHEBERE, Rafaela. Monografia de conclusão de curso: “Haitianos no Brasil: etnografia dos sistemas de sociabilidade e parentesco no interior paulista”. São Carlos. UFSCar, 2013.

BULAMAH, Rodrigo Charafeddine. Dissertação de mestrado: “O cultivo dos comuns: Parentesco e práticas sociais em Milot, Haiti”. Campinas. UNICAMP, 2013.

KEBBE, Victor Hugo. “Reordenações na família decasségui: Dilemas e desafios”. São Paulo. Travessia, v. 69, p. 19-30, 2011.

KEBBE, Victor Hugo. Resenha: After Kinship (Janet Carsten). Teoria & Pesquisa, v. 16, p. 191-194, 2007.

MACHADO, Igor.; KEBBE, Victor Hugo; SILVA, Cristina Rodrigues. Notas sobre a família transnacional. REMHU (Brasília), v. 30, p. 100-120, 2008.

MOLICA, Julio; CARVALHO, Barbara. Documentário: “Adeus, Haiti”. Globonews, 23 de fevereiro de 2014.

CARSTEN, Janet. “After Kinship”. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

MACHADO, Igor. “A antropologia de Schneider: pequena introdução”. São Carlos: EdUFSCar, 2013.